

## Apresentação

No dia em que damos a conhecer ao mundo esta colectânea, celebra-se o Dia Mundial das Bibliotecas. Ao instituir este dia a UNESCO sublinhou o papel da Biblioteca Pública como porta de acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento, tanto do indivíduo como dos grupos sociais.

E na verdade, ainda hoje associamos livro e biblioteca a saber, a conhecimento, cultura e também, necessariamente, a memória.

As férias ocupam um lugar importante na nossa lembrança e têm um papel activo na nossa imaginação. Recordamos episódios, locais, pessoas... Imaginamos as férias de sonho, onde tudo é possível e é absolutamente perfeito...

Desafiámos, então, os nossos autores a pensarem em férias, em lazer, em elementos de descanso e detalhes da natureza que nos fazem sentir bem. O desafio incluía ainda a novidade de cada autor ter à disposição blocos de 4 páginas para preencher como entendesse, do conteúdo ao estilo. Como sempre tem acontecido, não desapontaram. Alternando entre a memória e a imaginação (ou descaradamente, que é como quem diz: brilhantemente, misturando os dois) saíram versos e prosas, com bónus de fotografias e desenhos.

Esteja o leitor de férias, a chegar de férias ou a sonhar com férias, fica o convite para aceder a esta biblioteca de várias experiências, reunidas num só volume, e partir à aventura. Prepare as malas para ir em luxuosos cruzeiros, visitar cidades míticas, apreciar a tranquilidade do mar ou da planície; relacione-se com relatos de viagens há muito programadas ou à circunstância de férias de algum modo improvisadas. Reflicta sobre a natureza e sobre estados de espírito, viaje ao passado, projecte-se no futuro...

Ah! Preste atenção aos animais dos locais que visita, aparentemente têm imenso jeito para contar histórias...

## **Pela Serra fomos...**

Pela Serra fomos  
Unos, lado a lado...  
Com cheiro a terra e hortelã  
E o cantar dos passarinhos  
Pela manhã...  
Pela Serra fomos  
Unos, lado a lado  
Sem regras, sem travões  
No amor e nas decisões...  
Pela Serra fomos,  
Unos, lado a lado...  
Com sabores de queijo amanteigado  
E de repasto apaixonado...  
Pela serra fomos,  
Unos, lado a lado  
Na água viva que corria transparente  
De um desejo vivo e ardente...  
Pela serra fomos,  
Unos, lado a lado...  
Naquelas férias sem tempo...  
No tempo em que éramos felizes...  
Sentimentos que voaram com o vento...  
E não voltamos da Serra...

## Um conto de férias

Naquele ano, as férias que tinha programado não puderam ser concretizadas. Para mudar de ares, resolvi passar uns dias numa pequena localidade do Alto Douro. Comecei por prestar atenção a pequenas coisas tipicamente locais. Escolhi um sítio, que me pareceu muito tranquilo, e aí passei longas horas. Descobri paisagens duma beleza tranquilizadora, com tonalidades mágicas de verde. Dia após dia, fui dando conta que a génese daquela beleza tão eloquente estava na luz do sol que ao longo das horas ia plasmando novas tonalidades.

Este sítio, a quem chamam parque, é um recinto com árvores seculares, ajardinado, envolvente. Um dos interesses que, quase espontaneamente, me foi ocupando grande parte do meu tempo, foi a contemplação das copas das árvores, cujos ramos se elevam para o céu, estranhamente iluminados pelos raios do sol. Em certas horas do dia pareciam uma gigantesca abóbada duma catedral gótica iluminada pela luz coada dos vitrais. Nem era difícil mentalmente ouvir os mais vibrantes acordes de um órgão de tubos.

O parque tem, ao centro, uma espécie de morro, um “calvário”, onde pontificam centenárias cruzes em pedra. No meio daquele silêncio, com a exuberância das copas das árvores centenárias, aquelas cruzes motivam sentimentos de paz, reconfortantes, sobre outras cruzes

## UMA VIAGEM A BORDO

Julho de 2018.

O Express Of the Seas está ancorado no Porto de Fort Lauderdale na Florida. São duas da tarde e a fila já se faz com regras para dar início ao embarque. Primeiramente é necessário colocar na bagagem as etiquetas com o número de cabine, e o nome. Depois das etiquetas agarradas às malas e entregues nos respectivos lugares, dá-se início à entrada, para de seguida passar por todos os trâmites legais, preenchimento de fichas, número de cartão de crédito, etc. Depois de todos estes procedimentos vem a entrada na grande sala, ainda fora do navio. Aqui faz-se a espera pela ordem de cabine, mediante os números e andar dos quartos do pomposo Royal Caribbean.

É um processo civilizado e de boas vindas à grande e à francesa aos passageiros, como diriam lá na terra.

À entrada do navio, é tirada a primeira fotografia, ainda com as roupas da viagem feita desde o Liberty aeroporto com escala em Miami e do transporte terrestre até ao cais. É a foto para posteridade e para lembrar o antes da partida de sete dias e o depois da chegada.

A viagem começou por volta das cinco da madrugada em casa. Os preparativos tinham sido feitos de véspera, era só necessário vestir uma roupa ligeira, confortável, e o passaporte para em dez minutos chegar ao aeroporto de Newark.

O dia ainda não estava completamente claro, mas já a excitação era sentida. Conhecer a Havana era algo que me trazia imensa curiosidade.

Sou uma fã incondicional dos cruzeiros marítimos. São viagens inesquecíveis. Cada hóspede passa a ser rei ou rainha num mundo de fantasia. Abrem-me as portas, puxam-me a cadeira e servem-me a comida com todo o requinte, e ainda me chamam, com todo o obséquio, de Madame. Servem-me o vinho e abrem-me o guardanapo e colocam-no sobre o meu

## UMA MANHÃ NA PRAIA

O céu está azul, o sol já aquece bem, mas do mar chega uma brisazinha morna, agradável, que me afaga a pele com a suavidade de uma carícia terna e faz crescer em mim uma maravilhosa sensação de bem-estar, complementada pela maré vaza que faz deste mar uma enorme planície azul, muito lisa, salpicada aqui e acolá de pequenas flores amarelas e vermelhas da qual emana uma toada ronronante e embaladora: aproxima-se, afasta-se, aproxima-se, afasta-se, ritmada, contínua, muito calma, muito mansa...

Uma toada, que me apetece e me relaxa - a toada terna de um mar amigo, bonacheirão.

Ao longe, pequenos barcos de pesca fazem a faina na grande planície líquida a estender-se para lá da linha do horizonte até à costa africana. Mais próximo, navegam dois barquinhos à vela.

Aconchegada sob a sombra protetora do guarda-sol de colmo, vou observando o vai e vem lento das águas mansas e a enorme praia de areia macia, a esta hora quase deserta. Contam-se pelos dedos das mãos as escassas pessoas presentes: um casal joga *badminton*; duas crianças brincam na areia com os seus baldinhos coloridos: um verde e outro amarelo, e junto à linha de água, onde a areia é mais rija e torna o caminhar mais agradável, caminham mais ou menos apressadas algumas pessoas. São nove e meia da manhã, é tempo de férias, e não apetece levantar cedo para ir para a praia, apesar dos conselhos dos dermatologistas, que continuamente recomendam atenção à hora a que expomos o nosso corpo, descoberto, aos raios solares. Está provado, cientificamente, que apanhar sol a determinadas horas do dia é deveras potenciador do cancro da pele.

## no meu bolso o sol

aqui nas entranhas do meu amanhecer,  
resides.

ao anoitecer, sabes,

lembro o teu peito de carmesim.

nas flores aladas dos teus sorrisos,

encontro as lareiras do meu ser.

constróis o perfume dos lençóis,

apareces na bíblica da criação.

os teus olhares são princesas de precipício,

forjados nas noites de riso e riso, do caminhar por aí,

e se nos encontrarmos por que tem de ser,

recordarei o sabor das pétalas de um riacho,

que corre pelas veias dos nossos corpos,

gostava, sabes, de envenenar as nossas mãos,

da seiva bruta do acontecer,

e fazer, mão a mão, as estrelas do céu,

## ALÉM DA BUGANVÍLIA (DO JARDIM)

O Alentejo é aqui  
Em primeiro plano  
A buganvília do jardim  
Além  
O casario distante  
Abraça  
Sem desdém  
Toda a lonjura  
Adiante.

Um sopro de água  
Tufos de papoilas rubras  
Malmequeres brancos e bravios  
Uma borboleta  
Em negros ocres e alvos brios  
Andorinhas soltas  
Passaritos alegres  
Verdes e mais verdes  
Saudades  
Desvarios.

## Fantasma à solta

Foi com grande entusiasmo que nós, cinco amigas, nos juntámos a outras jovens, dispostas a viver nessas férias, as aventuras que elas nos proporcionassem.

Ficámos três num quarto e as outras duas noutro.

Um dia à noite, a Amélia com um olhar de quem desejava muito fazer uma travessura, disse-nos:

- E se pregássemos uma partida à Cláudia?...

Após umas sugestões rejeitadas, alguém sugeriu:

- E se uma de nós se vestisse de fantasma?

As outras duas concordaram imediatamente e nessa mesma noite todos os pormenores ficaram assentes. Faltava apenas falar com a Teresa, a colega de quarto da Cláudia para que ela fosse nossa cúmplice e ajudasse a tornar mais real esta brincadeira.

No fim da manhã tudo ficou resolvido e todas concordámos que nessa mesma noite, uma sexta-feira, o “fantasma” iria entrar em acção.

Depois da meia-noite, quando o silêncio reinava em toda a casa, sinal que já todas dormiam, a Amélia, com um grande lençol a envolvê-la, deixando apenas uma abertura para poder ver, de braços abertos, aos saltinhos, em pontas de pés, entrou solenemente no quarto dois. Nós ficámos da parte de fora da porta entreaberta, fazendo uns ruídos fora do vulgar, com uns pentes rangendo uns nos outros, alternando-os com estranhos gemidos.

A pouca claridade que entrava pela janela que a Teresa deixara propositadamente mal fechada, insidia sobre o branco do “fantasma”, dando-lhe um aspecto tão real que até a nós nos impressionava.

Depois de alguns abanões que o “fantasma” deu à cama da Cláudia, ela acordou. A Teresa que não tinha adormecido



## Quer ir à Grécia?

Bela viagem!

Um grupo com cerca de trinta e duas pessoas de Viseu e arredores. Umas aposentadas. Outras, ainda não. Mas todas em atitude de procura. Desejosas de conhecer este bocadinho do mundo constituído por belíssimos torrões elevados, uns maiores que outros, disseminados no imenso mar azul, parecendo tocar o céu: Ilhas Gregas que marcaram a civilização ocidental, a sua cultura, o seu pensamento e até muitos dos seus vocábulos...

Foi à saída da feira semanal da cidade de Viriato, o escritório preferido da Nandita, que tudo começou. Apanhou-me de surpresa. Ao entregar-me um resumo de programa, perguntou sem rodeios:

- Quer ir à Grécia?

- Há quantos anos eu desejo ir à Grécia! - Respondi sem hesitar:

E pronto. Lá se concretizou o velho sonho, até então adormecido no subconsciente.

O imponente navio *Horizon*, da cor do céu e do mar, acolheu-nos de braços abertos como se há muito nos esperasse. Foi a nossa casa durante oito dias. A ele regressávamos em festa, depois de cada incursão por ilhas e cidades. Mais de seiscentos tripulantes à nossa disposição: amáveis e sorridentes, sempre prontos a servir-nos. Alguns das Filipinas, de Porto Rico, do Brasil, de Portugal... Todos empenhados para que tudo corresse *às mil maravilhas*.

E correu!

Viajantes, éramos cerca de mil e seiscentos.

Havia portugueses, ingleses, franceses, japoneses e, naturalmente, os barulhentos espanhóis, sempre entusiasticamente espontâneos